

A NOVIDADE, O ASSOMBRO E A DÚVIDA: Circulação das ideias bacteriológicas na Gazeta Médica da Bahia em fins do século XIX*

JOELMA TITO DA SILVA**

A cura da tuberculose era um objetivo perseguido cotidianamente no laboratório do doutor Koch, ao passo que, da Inglaterra Lister e seus discípulos divulgavam os resultados dos estudos que propunham a utilização do fenol em cirurgias como método para combater infecções hospitalares. Entre a classificação do verdadeiro e do falso, o mundo dos microorganismos era aos poucos devassado, enquanto a imprensa especializada e os jornais de circulação geral faziam o público tomar conhecimento dos novos experimentos médico-científicos. As notícias circulavam nas folhas impressas de forma a atualizar o leitor atento aos novos resultados das pesquisas desenvolvidas nos mais famosos laboratórios do ocidente e cujas conclusões parciais eram apresentadas em comunicações realizadas no âmbito das sociedades médicas e nos congressos científicos.

É precisamente sobre esse movimento das ideias através de textos que trataremos neste pequeno ensaio, cujo objetivo é analisar a circulação de pesquisas na área da saúde entre os médicos brasileiros em um momento marcado pela busca da cura de doenças como a tuberculose por parte de estudiosos europeus. De forma particular, investigaremos a movimentação dos resultados obtidos pela pesquisa médica de modo a perceber a recepção dos estudos bacteriológicos na Bahia durante os anos de 1890. Tal escolha deve-se ao fato de que ali a atividade intelectual médica, na última década do século XIX, foi, comumente, definida pela literatura como associada aos estudos sobre a miscigenação. Em geral, admite-se que as pesquisas acerca das doenças infectocontagiosas tiveram lugar na Bahia até a década de 1880 e nos decênios seguintes notabilizariam os profissionais instalados na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro¹. Tornou-se bastante aceita a máxima de que na Bahia procurava-

* Trabalho apresentado no “XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social”, realizado em Natal/RN, entre os dias 22 e 26 de julho.

** Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará e Bolsista CAPES.

¹ Segundo Lilian Moritz Schwarcz o estudo sobre os cruzamentos raciais se constituiu a marca singular das pesquisas dos médicos baianos a partir dos anos de 1890, enquanto a higiene pública e a atuação dos médicos diante das moléstias infectocontagiosas eram assuntos privilegiados nas décadas anteriores. Schwarcz considera que a disputa pela hegemonia na medicina, uma prática profissional em construção, teria levado os médicos

se a causa da patologia no corpo doente, enquanto isso, no Rio de Janeiro, caçava-se o corpo minúsculo da doença. O episódio da vacinação obrigatória ocorrido na capital federal em 1904 seria o exemplo agudo de tal disposição das autoridades de saúde pública no combate aos males causados por micro-organismos. Com os olhos voltados para as deformidades da raça mestiça, os lentes vinculados à Faculdade de Medicina da Bahia dedicavam-se ao desenvolvimento de estudos sobre medicina legal, havendo, portanto, pouco espaço para as pesquisas bacteriológicas. Nos limites deste artigo pretendemos revisar tal proposição historiográfica, partindo da hipótese de que na Bahia, dominada pela medicina legal e pela construção do perito na área, a microbiologia tinha lugar e anunciava os ventos de um sentimento de modernidade. Razão pela qual não parece estranho que Nina Rodrigues, conhecido por dedicar-se à construção de análises raciológicas, definisse em 1891 a bacteriologia como campo que se lançava ao futuro das ciências médicas. Nem tampouco deve ser surpreendente o fato de que a principal folha de divulgação do conhecimento médico na Bahia publicasse, regularmente, textos dando conta dos resultados inacabados e constantemente revisados obtidos por laboratórios europeus em estudos nessa área.

Para o desenvolvimento do nosso estudo utilizamos como fonte principal textos, ofícios e notas presentes nas páginas da *Gazeta Médica da Bahia* (GMB), cuja edição e publicação estavam sob a responsabilidade da *Sociedade Médica da Bahia* (SMB) desde a década de 1880. Criada em 1866, a GMB tinha suas atividades intimamente entrelaçadas ao corpo de profissionais que compunham a Faculdade de Medicina e a Santa Casa de Misericórdia². Na Memória do Estado, referente ao ano de 1892, aparece descrita enquanto uma “antiga e conceituada publicação científica” que tinha periodicidade mensal e era editada por fascículos, contendo entre 60 e 64 páginas, com uma tiragem de 500 exemplares por número. Essa quantidade é semelhante ao montante verificado na publicação da Revista do Ensino Primário (REP), que promovia discussões pedagógicas no meio do professorado. Embora tratassem de assuntos diferentes, ambas as publicações podem ser comparadas, uma vez que eram classificadas como “científicas e literárias”. Certamente essa tiragem é muito inferior à de outras publicações que circulavam na capital baiana como o *Jornal de Notícias*

baianos a encontrar sua originalidade nas questões raciais, enquanto os médicos do Rio de Janeiro, apostavam na descoberta de doenças tropicais (1993, p.190).

² A GMB foi criada a partir da iniciativa de facultativos como Virgílio Damásio, Silva Lima e Pacífico Pereira.

(6.000) ou o Diário da Bahia (4.000) (VIANNA; FERREIRA, 1893, p.278). Produzidos aos milhares, os jornais diários tinham como meta atingir a notícia cotidiana, as generalidades, os acontecimentos políticos, sociais, as mortes, as prisões, os carnavais, informações atravessadas por alguma coluna literária. Totalmente diverso era o interesse de periódicos como a GMB e da REP que tinham um público restrito, na medida em que elas foram deliberadamente criadas para alcançar leitores oriundos de grupos igualmente restritos e interessados em assuntos acadêmicos. A existência da GMB era justificada pela promoção e circulação de ideias na área médica não somente entre profissionais (práticos e professores), como, também, por acadêmicos de medicina matriculados na faculdade que se instalara na Bahia desde a primeira metade do século XIX. Ao lado dos manuais didáticos, as publicações desse gênero comportavam um papel pedagógico que deveria servir à formação de futuros profissionais.

Caracterizando-se, portanto, enquanto uma revista especializada, voltada para a divulgação dos estudos realizados na área médica, a *GMB* traduzia e publicava, com frequência, textos de pesquisadores franceses, ingleses e alemães. Ao lado dos trabalhos produzidos nas universidades europeias, figuravam artigos e notas sobre pesquisas realizadas no Brasil por médicos ligados às faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Para Raymundo Nina Rodrigues, redator do periódico entre 1891 e 1893, o esforço de articulação – realizado por uma gazeta impressa no Norte da República – entre a produção do conhecimento em âmbito nacional e a divulgação de textos dos mais reconhecidos pesquisadores do mundo, correspondia ao então fracassado plano de unir a dispersa classe médica brasileira e, ao mesmo tempo, de inserir a Bahia nos circuitos do conhecimento médico não apenas no país, como também em outros lugares do mundo. Dilacerado, Nina Rodrigues reconhece as dificuldades enfrentadas por tal projeto – assumido, segundo ele, por algumas iniciativas individuais e com pouca repercussão entre a maioria dos médicos. Seja como for, aos tropeços, a Sociedade Médica da Bahia tratava de imprimir na *GMB* textos que, para seus redatores e editores, pareciam acalentar algum sonho de modernidade e progresso. Observa-se nesse projeto certa ideia de heroísmo quase quixotesca.

Ora, a noção de que alguns representantes da classe enfrentavam solitários os ventos fortes que, em contrário, mantinham os profissionais de medicina em estado de dispersão nas

diferentes regiões do Brasil – salvo os fluminenses que, desde o fim dos anos de 1880, criavam uma unidade entorno da Sociedade Médica do Rio de Janeiro (SMRJ) – transformavam em heróis de vanguarda aqueles que se inseriam como próceres da construção de uma comunidade científica coerente, capaz de fazer os seus membros transitarem entre ideias, oporem resultados, testarem hipóteses, refutarem conclusões, enfim, transformar suas pesquisas em partes de uma experiência do conhecimento garantida pela comunicação entre profissionais situados em diferentes espaços. Não precisamos ir fundo nos jornais e livros escritos por médicos brasileiros para concluir que tal ideia não passava de uma aspiração e podia assumir um tom puramente retórico, servindo a associação entre seu defensor e os ares da civilização. Isto é, destacava-o da massa difusa, de modo a inseri-lo em algum projeto de modernidade. Isso posto, podemos entender o prestígio que representava para uma publicação especializada a realização de traduções das comunicações e artigos realizados por estudiosos europeus como Robert Koch, Joseph Lister e Bouchard.

De forma geral, apresentaremos o lugar dos textos e dos comentários realizados acerca das teorias bacteriológicas que ocuparam um espaço significativo nas discussões apresentadas no congresso internacional. Em seguida analisaremos a recepção institucional das teorias bacteriológicas na Bahia, que teria produzido um mal-estar entre os lentes catedráticos e substitutos da Faculdade de Medicina e a administração da Santa Casa de Misericórdia.

Antes de irmos ao evento que ocorreu na capital alemã e às páginas da *GMB*, faz-se necessária uma advertência ao leitor como último preâmbulo: não partimos da premissa de que as viagens realizadas pelas ideias possuam um vetor único, caracterizado pela absoluta necessidade de cópia e reverência ao conhecimento produzido na Europa. No interior das conexões que compõem o mundo do saber nem o criador, nem a criatura e, nem tampouco, as recriações podem ser encontradas em estado puro, como se existisse uma lógica cognitiva retilínea. Portanto, a noção de que há um centro produtor de ideias que alimenta uma periferia apática e receptiva não é suficiente para dar conta da dinâmica que envolve as múltiplas conexões da prática científica. Mesmo se levarmos em consideração a distribuição do material impresso verificaremos que a lógica de circulação dos textos coloca dificuldades para o duplo centro/periferia. Ora, a *GMB* não apenas recebia exemplares de publicações especializadas

impressas na Europa, mas, também de revistas oriundas de países latino-americanos, tais como o Uruguai e a Argentina. Além disso, adotava medidas estratégicas para difundir seus números fora do país. Na França, a distribuição de exemplares da revista ficava a cargo de H. Mahler, agente de vendas instalado em Paris, na Rua Richer, n. 23 (GMB. *Expediente*. Jul. 1892)³. A distribuição dos números desse periódico em Paris, talvez não garantisse sua leitura para um público estrangeiro, mas colocava na geografia do conhecimento aquela Gazeta que funcionava na Bahia desde a segunda metade da década de 1860.

Circulação dos textos: dos anais do 10º Congresso Internacional à Gazeta Médica da Bahia

A imprensa do mundo inteiro abria espaço para o maior evento ocorrido na área da medicina: o 10º Congresso Internacional das Ciências Médicas, realizado em agosto de 1890 na cidade de Berlim. Embora o número de participantes que tomaram parte do evento suscite controvérsias, aquele foi o maior encontro realizado até então. Sendo assim, a quantidade de congressistas foi contabilizada aos milhares: enquanto a *GMB* divulgou que teriam tomado parte do evento aproximadamente 5.000 pessoas, corroborando informações publicadas em *La Semaine Medicaile*, a *Deutsche Medizinische Wochenschrift* estimava o montante de congressistas em 6.000 e o *Le Figaro* de Paris afirmava que o evento teria recebido um número de participantes superior a 7.000 pessoas (GMB, agosto de 1890, p.95; LEDERMANN, 2005, p.211). A quantidade expressiva de congressistas inscritos nesses eventos gerava questionamentos na imprensa acerca de sua utilidade. No caso em apreço, os jornais europeus, especialmente o *Le Figaro* de Paris, asseveravam que a estrondosa presença de congressistas em Berlim não resultava de um genuíno interesse pela ciência, mas do gosto juvenil pelas viagens e diversões. As repercussões desse evento, para o qual a Faculdade de

³ O envio de exemplares desse e de outros jornais para o além-mar e o recebimento de publicações internacionais eram responsabilidades do escaler da guardamoria da alfândega que, não raro, atrasava a distribuição das correspondências.

Medicina da Bahia fora convidada⁴, aparecem claramente na oposição de Silva Lima às críticas que ameaçavam esvaziar as “assembleias dos homens de ciência”:

Não me coloco ao lado d’estes pessimistas, e penso que os congressos bem organizados, com limitado numero de representantes ou delegados de Associações, de Academias, de Institutos sanitarios, dos corpos de saude de mar e terra, e mesmo de grupos de facultativos expressamente agremiados, e com tempo sufficiente para conferencias e discussões, seriam muito mais proveitosos do que os constituídos em condições oppostas; e não seriam acoimados de para pouco mais prestarem do que proporcionar diversões agradáveis, e distracções de sueto aos congressistas (SILVA LIMA, outubro de 1890, p.149).

Se para aqueles que Silva Lima definia enquanto “detratores” de uma prática que estava por se instituir no meio científico, o congresso teria sido esvaziado de sentido pela presença de milhares de pessoas que não traziam consigo o desejo de promover a ciência, nas páginas da *GMB* os saldos do evento foram apresentados de forma positiva. Para os entusiastas dos certames científicos, o sucesso do encontro ocorrido em Berlim não deveria ser mensurado pela quantidade de pessoas que dele tomaram partido, mas pelo impacto de suas comunicações para o pensamento médico. Na ocasião, foram apresentados trabalhos que divulgavam os resultados parciais alcançados por novos experimentos, especialmente na área da bacteriologia. Sem dúvida, a possível descoberta de um tratamento eficaz no combate à tuberculose, proposto com algumas reservas por Koch, teve visibilidade acentuada e, depois de encerrado o evento, continuou a aparecer em comunicações realizadas junto às Sociedades Médicas que, posteriormente, transformaram-se em artigos e notas divulgadas em periódicos especializados.

Sobre as comunicações do Congresso, a *GMB* teve acesso aos textos através do *Le Bulletin Medical* e, na edição de agosto, começou a veicular os trabalhos considerados mais relevantes por seus editores. Sobre a pertinência da divulgação dos estudos apresentados em congressos científicos, o jornal anunciava ao leitor que:

A importância dos trabalhos apresentados esteve na altura da reputação dos sábios que tomaram parte no Congresso. Daremos com o possível desenvolvimento os trabalhos de mais importância e actualidade, a começar com este número pela conferencia do prof. Lister sobre o estado actual do curativo de feridas (*GMB*, agosto de 1890, p.95).

⁴ O convite e os estatutos do 10º Congresso Internacional das Ciências Médicas foram divulgados na edição fevereiro de 1890 na *GMB*.

O trabalho do estudioso inglês Joseph Lister sobre o tratamento antisséptico das feridas em procedimentos cirúrgicos foi publicado na seção *Revista de Imprensa Médica* e precedeu a divulgação de outras três conferências: a apresentação de Adolphe Block, intitulada *Patologia das afecções cardíacas de crescimento e de surmenage*; o estudo do professor Bouchard, cuja tradução foi assinada por Nina Rodrigues sob o título de *Ensaio de uma teoria da infecção*, e a inquietante comunicação apresentada por Robert Koch, na qual declarava que havia encontrado uma substância capaz de curar a tuberculose. O anúncio se baseava em estudos realizados com porcos da Índia doentes curados com a inoculação de uma substância que reagia “assombrosamente”⁵ em tecidos comprometidos por tubérculos.

A excitação causada pelo anúncio do novo tratamento proposto pelo médico alemão e os seus desdobramentos estamparam várias páginas da *GMB*. Em Berlim, essa comunicação foi publicada na edição especial do *Deutsche Medizinische Wochenschrift* e na França foi reeditada pelo *Le Bulletin Medical*. Na Bahia o texto foi publicado em português no mês de novembro de 1890 na sessão de *Patologia Geral*. Tal como ocorrera com a versão do trabalho apresentado pelo professor Buchard, a tradução desse texto fora creditada à Nina Rodrigues.

Deste modo, ao leitor da *GMB* não foi necessário converter-se em membro participante do congresso de Berlim para conhecer os resultados de algumas de suas comunicações. Deve-se ressaltar, ainda, que os assinantes e consumidores de números avulsos dessa gazeta não estavam circunscritos à capital do Estado. O periódico circulava por outras localidades no país e fora dele. Esse movimento zigzagueante de difusão das ciências médicas integrava a *GMB* aos circuitos da produção científica. Certamente, a escolha das traduções a serem feitas e dos textos que deveriam vir à lume em suas páginas participavam desse jogo indeterminado e cambiante. Na *GMB*, os estudos traduzidos e publicados passavam pelo crivo da *SMB* e, sobretudo, dos profissionais que editavam o periódico, dirigido por Pacífico Pereira. Essas seleções pontuavam o tipo de discussão que se pretendia promover e davam publicidade à determinadas áreas de estudo.

⁵ O anúncio dos experimentos de Koch impressionou cientistas do mundo inteiro que, mesmo questionando as propriedades terapêuticas da sua substância, utilizavam termos como “assombroso” e “pasmoso” para definir a reação causada pela nova substância em pacientes com tuberculose.

Na redação da *GMB* as notícias sobre a descoberta que deixou em polvorosa a área médica no mundo inteiro foram impressas acompanhadas por sentimentos que variavam entre a apreensão e a curiosidade:

Está causando a mais viva preocupação o tratamento curativo da tuberculose anunciada ao mundo pelo eminente bacteriologista alemão Koch no Congresso de Berlim ultimante realizado.

Até os últimos jornais científicos, ignorava-se ainda em que consistia realmente o tratamento. Guardava-se a maior reserva sobre o assumpto, a ponto dos próprios assistentes de Koch não conhecerem a natureza íntima de suas experiências (*GMB*, outubro de 1890, p.191).

O alvoroço causado pela conferência de Koch na imprensa parecia incomodá-lo, uma vez que suas considerações eram parciais e consistiam em reações oriundas de testes realizados em animais. Segundo o médico alemão, os resultados divulgados no evento foram obtidos em experimentos articulados através de “um processo capaz de fazer os animaes de laboratório refractarios à inoculação da tuberculose e suspender mesmo a evolução da moléstia nos animaes tornados previamente tuberculosos” (KOCH, novembro de 1890, p. 226). Poucos meses depois do Congresso Internacional, o médico divulgou, na Alemanha, as novas experiências que realizou com sua equipe. Diferentemente das primeiras observações, agora os resultados foram obtidos a partir de reações verificadas em cobaias humanas. Nessa ocasião, Koch falou sobre as expectativas exacerbadas geradas pelo uso de suas declarações por parte da imprensa:

Contava em terminar minhas experiências, fazer investigações mais completas do meu tratamento na prática e obter estatísticas mais consideráveis antes de publicar alguma cousa.

Máo grado, porém, todas as minhas precauções, os meus processos tiveram publicidade exagerada Julgo-me por isso obrigado a indicar a direcção que tomaram as minhas investigações, declarar o estado actual d'ellas. Entretanto, apenas ministrarei ligeiros esclarecimentos, pois ainda devo conservar secretos muitos pontos importantes (*Idem*, p.226-7).

Koch assumia a direção das investigações que contava com a participação dos médicos Libbertz e Pful. Se os meios de comunicação corriam em polvorosa com a finalidade de apresentar as possibilidades futuras oferecidas pelas pesquisas desses médicos no tratamento de uma doença incurável, o seu condutor precisava assumir um tom cauteloso, na medida em que os testes estavam em processo de realização e os resultados apresentavam-se

provisórios. Isso posto, pode-se supor que as ponderações de Koch em relação à atividade pouco parcimoniosa da imprensa geral sobre seus resultados era uma resposta à comunidade científica, afinal ele considerava que ainda não havia produzido conclusões apoiadas em provas suficientemente reconhecíveis por seus pares.

Mesmo com a pesquisa em andamento, era importante para um estudioso que acumulava êxitos em sua carreira acadêmica⁶ apresentar os primeiros resultados obtidos nos experimentos que realizava em congressos e em revistas especializadas, pois estas funcionavam como instrumento de atualização constante dos leitores interessados em assuntos caros à área das ciências médicas. No entanto, era perigoso para a manutenção do prestígio individual do pesquisador transformar resultados inacabados em verdades confirmadas, na medida em que aquela comunicação descrevia, tão somente, o estado no qual a pesquisa se encontrava até o momento de sua enunciação.

A precaução de Koch não nos coloca diante apenas da conclusão de que, em fins do século XIX, os meios impressos gozavam de um grande poder de circulação de ideias e expectativas, mas nos leva a perceber que as construções científicas são elaboradas cotidianamente a partir da dúvida, do inesperado, da noção de erro e da tentativa de manutenção do prestígio pessoal. Sendo assim, os resultados parciais de Koch e sua equipe estavam vulneráveis ao contraditório e, portanto, não constituíam um fato científico capaz de integrar manuais. Por isso, a visibilidade assumida pela possível descoberta da cura para a tuberculose, transformada em fato jornalístico, inseria seus realizadores em uma zona perigosa no ramo científico, caso a promessa futura oferecida pelo tratamento não fosse confirmada. O conhecimento posto nas revistas especializadas e nas comunicações não constituem verdades plenamente acomodadas e aceitas universalmente por uma comunidade científica, não podem tornar-se matéria dos manuais de medicina até que suas variáveis sejam testadas sucessivamente de modo a convencer o coletivo de sua aplicabilidade.

Nesse caso, a possibilidade de cura anunciada por Koch não cumprira o anseio íntimo do cientista: o afastamento da possibilidade do erro. Ora, os testes realizados demonstravam apenas a imunidade conseguida em porcos da Índia tuberculosos que receberam a medicação. Humanos submetidos ao tratamento não alcançaram a mesma

⁶ Koch era um estudioso reconhecido no ramo das ciências médicas por ter descrito a etiologia de doenças causadas por organismos microscópicos como o bacilo da tuberculose (1882) e o vibrião da cólera (1884).

resistência futura aos agentes causadores do tubérculo. A única conclusão que se tinha era a de que pessoas acometidas pela doença reagiam a medicação, apresentando quadro febril, calafrios e dores nos membros, e que a substância era capaz de eliminar parcialmente células tuberculosas, embora não conseguisse impedir o seu retorno. Embora não fosse suficiente para propor um tratamento definitivo para a tísica, esse experimento era inovador e precisava ser anunciado. No estado de incerteza e, concomitantemente, de expectativas pela ideia de descoberta, somente os periódicos e as comunicações poderiam oferecer uma materialidade suficientemente flexível e continuamente revisada para abrigar o anúncio de pesquisas inacabadas e em movimento. Nesse ponto torna-se didaticamente esclarecedora a distinção realizada por L. Fleck entre a ciência produzida nos periódicos e aquela encerrada nos manuais:

Se quisermos unir a ciência dos periódicos numa totalidade homogênea, teríamos que admitir alguns obstáculos: os respectivos pontos de vista e métodos de trabalho têm um caráter tão pessoal que não consegue formar uma totalidade orgânica a partir dos fragmentos contraditórios e incongruentes. (...) A ciência dos periódicos, portanto, carrega as marcas do provisório e pessoal. A primeira dessas características sempre se mostra no fato de se ressaltar que, apesar das limitações nítidas dos problemas tratados, a aspiração de estar em conexão com a problemática da respectiva área. Qualquer trabalho em periódicos contém, ou na conclusão, tal conexão com as ciências dos manuais como prova de que aspira à entrada no manual e que considera a posição atual como provisória. Esse caráter provisório pode ser sentido a partir das indicações sobre planos e esperanças e a partir da polêmica. Faz parte disso a cautela específica dos trabalhos em periódicos que podem ser reconhecidas em expressões características como: “*tentei provar que...*”, “*parece ser possível que...*” ou, ainda, de forma negativa: “*não se pôde comprovar que...*”, que desloca o mais sagrado das ciências, a saber, o julgamento sobre a existência ou não existência de um fenômeno, do pesquisador individual para o coletivo exclusivamente legitimado. Somente a ciência impessoal dos manuais traz expressões como: “*não existe isso ou aqui*”, ou “*há algo como*”, “*na há dúvida de que...*” (...) (FLECK, 2010, p.171-2).

A compreensão de Fleck sobre o caráter provisório da ciência dos periódicos pode ser estendida às comunicações realizadas em reuniões de associações médicas e em congressos científicos. Entretanto, nesse caso, a fluidez dos resultados apresentados é exacerbada. Nas situações apresentadas pela divulgação do estudo dirigido por Koch, o pesquisador e sua equipe guardam um trunfo em suas mangas: o segredo. Nem tudo deve ser revelado precipitadamente. Dispensar certa margem de nebulosidade quanto aos resultados da investigação possui uma dupla dimensão: por um lado os pesquisadores garantem para si um

lugar capaz de afirmar sua autoridade sobre a matéria, de modo a evitar refutações prévias – afinal, sempre há algo que o crítico desconhece – por outro lado, os estudiosos estão sujeitos aos efeitos desastrosos de uma expectativa sobre o que pode comportar o dado decisivo não revelado. Em suma, o “ainda não-dito” inunda as páginas dos jornais, tornando-se a promessa de uma grande notícia, cuja catarse seria produzir anúncios retumbantes do tipo “Koch descobre a cura para tuberculose”.

Enquanto a promessa do tratamento era recebida com entusiasmo pela imprensa, alguns profissionais de medicina realizavam testes em seus serviços clínicos com base na terapêutica proposta pela equipe coordenada por Koch. Os resultados dos ensaios foram objetos de comunicações realizadas pelos doutores Oskar Fraetzel e Runkiwitz, cujas conclusões endossavam as deduções apresentadas por Koch, inclusive em relação aos insucessos apresentados pela substância utilizada como possível medicamento: “Somente parece que cada vez se torna mais sensível a dificuldade da eliminação dos tecidos tuberculosos mesmo nos casos de tuberculose pulmonar pouco adiantada, o que deve fazer receiar uma facilidade maior das reinfecções”. (GMB, novembro de 1890, p.238). O reconhecimento de Fraetzel, Runkiwitz e Koch sobre a ineficácia do medicamento na eliminação definitiva de células tuberculosas sublinham o ambiente de incertezas que marcava o processo de construção de uma verdade científica coletivamente aceita.

As dúvidas sobre o efeito terapêutico da substância aparecem, ainda, nos resultados obtidos por testes mais conclusivos sobre a tuberculose externa, realizados pelo Dr. Begmann. A ação da *kochiatria* sobre o tubérculo era inquestionável, ao passo que seu potencial curativo apresentava-se limitado pelo caráter localizado de sua ação no corpo, incapaz de impedir a ocorrência de novas manifestações tuberculosas. Se a cura definitiva da doença não era confirmada pelos seguidos testes, uma conclusão era aferida com regularidade nas observações médicas: a precisão apresentada pelo líquido na identificação do tubérculo.

Acreditando na validade dessa conclusão, o Dr. Levy procurava obstinadamente convencer o próprio Koch de que as injeções do remédio não atuavam na cura da tísica, mas servia como substância importante para o diagnóstico da doença. A conclusão de que a linfa, inicialmente associada ao tratamento, possuía propriedade escrutadora de diagnóstico era corroborada pelo médico inglês Joseph Lister, que classificava como assombrosos os efeitos

da substância sobre o tubérculo. Para apoiar seu argumento o professor do King's College de Londres apresentava casos em que a aplicação da substância revelava imediatamente o caráter tuberculoso da patologia investigada no corpo do paciente, impedindo qualquer dúvida quanto ao diagnóstico. Segundo seus relatos, em Berlim foi registrado um caso em que a injeção da linfa resolveu a incerteza dos médicos sobre a natureza sífilítica ou tuberculosa de uma afecção na laringe. Em outra situação, Lister fala de sua visita à casa de um jovem médico que acreditava-se saudável e recebeu uma dosagem da *kochiatría* para efeito de experiência. Ao tomar a injeção rapidamente seu corpo apresentou violenta reação febril. Exames mais detalhados demonstraram que o médico sofria de “ligeira, porém manifesta afecção no apice de um dos pulmões” (LISTER, 1891. p.308). A substância poderia, portanto, expor a doença em qualquer lugar que ela se escondesse no corpo. Tal precisão fazia com que as expectativas de um tratamento futuro, baseado no uso da linfa, não esmorecessem, ainda que persistissem os questionamentos sobre os efeitos permanentes do método em seres humanos.

O caso particular da divulgação de um tratamento para a tuberculose nos anos de 1890 apresenta situações comuns quando pensamos nas diferentes situações que envolvem a construção de uma ideia científica, na qual o coletivo se movimenta a partir de redes compostas por verificações sucessivas do experimento, dúvidas, disputas, receios e jogos de convencimento. Sendo assim, os testes realizados por diversos médicos, as dúvidas, os erros, as reafirmações dedutivas constituíam elementos que se associavam aos mistérios presentes no processo de construção de um fato científico que, mal grado seu desenlace, não cessou de alimentar, por alguns anos, vários números de jornais especializados e diários no mundo todo. Maximizava-se, assim, o potencial de difusão das atividades integrantes dos protocolos científicos, como os experimentos, os congressos, o exercício da clínica médica e as reuniões entre sociedades de ofício, fazendo circular ideias e legitimando autores que se convertiam em referências para o desenvolvimento de estudos na área da medicina. Silva Lima explicava da seguinte forma a pertinência da publicação de um comentário formulado por Lister ao tratamento de Koch e as controvérsias causadas por seu “remédio secreto” que, em dezembro de 1890, permanecia envolvido por mistérios:

Data-se de hontem, pode-se dizer, o tratamento curativo intentado pelo professor Koch para a tuberculose, a medicação a qual por brevidade pode ser chamada de *kochiatría*; não foi ainda revelada a natureza do medicamento, e já se tem escripto

sobre o assunto com o que encher dezenas de volumes, taes são a importância do descobrimento, a satisfação dos médicos em os conhecerem, e a ansiedade dos enfermos em gozarem das suas prometidas e anunciadas vantagens [...] Lister foi a Berlim, e na intimidade de dous espíritos superiores que se compreendem, ouviu e viu o que Koch lhe pode dizer e mostrar, por si e pelos seus auxiliares acerca do seu novo e pasmoso invento. [...] Trasladando para nossas paginas a preleção do benemérito professor [Lister], julgamos prestar serviço aos nossos leitores, a quem não sejam porventura acessíveis os órgãos da imprensa médica inglesa que a publicaram em dezembro último (SILVA LIMA, 1891, p. 306-7).

Conforme já afirmamos anteriormente, o segredo é um elemento importante no âmbito da ciência quando uma ideia que se pretende nova é lançada. Entretanto, a existência de informações que não foram reveladas suscitam reações adversas entre pares. Na situação em apreço, o termo “remédio secreto” carrega certo tom de ironia em represália à atitude de Koch que mantinha em sigilo detalhes sobre a composição da linfa utilizada em seus experimentos.

Em comentários sobre a repercussão do método de Koch na imprensa, Joseph Lister defendia a precaução assumida por seu colega de Berlim que, segundo ele, empenhava-se diligentemente para produzir um remédio capaz de combater o tubérculo que pudesse ser divulgado “sem o risco de ser fornecido ao público, ou um material inútil por sua inércia, ou então algum mortífero veneno” (LISTER, 1891, p.316). Em sua opinião, Koch temia que a revelação do processo de preparo da substância pudesse produzir malefícios caso fosse utilizada sem a plena demonstração de seus efeitos em seres humanos. Essa seria, então, a razão de sua resistência à publicização do novo método antes que todas as dúvidas sobre sua eficácia fossem elucidadas. Embora pressões – de natureza não esclarecidas por Lister – exercidas sobre o estudioso culminariam na divulgação do tratamento durante o Congresso Internacional.

Entre controvérsias e entusiasmos, a substância formulada por Koch atraía olhares de todos os cantos do mundo. Comissões formadas por médicos estrangeiros se voltavam para Berlim com o objetivo de observar o novo método e testá-lo e, então, divulgarem suas conclusões. É nessa conjuntura de prestígio e promessas do novo tratamento que o Dr. Gustavo dos Santos decide fazer uma visita de estudos ao laboratório em que trabalhavam Koch e seus auxiliares.

O Dr. Gustavo dos Santos e o ensaio das experiências de Koch na Bahia

A ampla difusão da pesquisa de Koch teve efeitos variados. Entre eles, serviu de mote ao deslocamento de médicos em comissão científica, com destino ao Velho Mundo para observar novas terapêuticas que seriam experimentadas no Brasil. No noticiário de agosto de 1890, a *GMB* informava – abaixo da nota sobre a realização do Congresso de Berlim – a viagem para a Europa do Dr. Manoel José d’ Araujo, médico e professor de Fisiologia Teórica e Experimental na Faculdade de Medicina da Bahia, em comissão científica designada pelo governo brasileiro. Segundo os editores do jornal o deslocamento foi realizado com o fim desse profissional “estudar os progressos da sciencia que leciona” (Noticiário, p.95). Entretanto, nem sempre tais viagens contavam com auxílio financeiro do Estado.

No caso da intensa divulgação dos resultados da pesquisa empreendida por Koch, o estado brasileiro designou uma comissão oficial para acompanhar em Berlim o andamento das pesquisas, presidida pelo Dr. Domingos José Freire e formada pelos Drs. Chapot Prevost e Virgílio Otoni. O grupo contava ainda com o auxílio dos estudantes Arthur Vieira de Mendonça e José Gonçalves Roxo (*GMB*, novembro de 1890, p.239). Na Bahia, o empreendimento foi realizado pela iniciativa particular do Dr. Gustavo dos Santos, que decidiu partir para a Alemanha com a finalidade de observar o novo tratamento contra a tuberculose e ensaiá-lo nos hospitais do Estado. Médico assistente de Clínica Oftalmológica, o Dr. Gustavo recebeu da Faculdade de Medicina a liberação temporária de suas atividades, mas se deslocou para a Europa às próprias custas, sem apoio oficial. Quando retornou ao Brasil, foi recebido pelos facultativos ligados à SMB, onde comunicou as informações colhidas pela observação da terapêutica proposta por Koch:

Trouxe o distincto médico uma certa porção da lynpha de Koch e brevemente começará a ensaiar o tratamento. Sabemos que elle tem procurado o auxíllio de diversos clínicos e professores entre os quais o diretor da *Gazeta Médica*; e que estan todos promptos a coadjuval-o.

A extraordinária descoberta do sábio allemão é de tal importância que se tornam para toda a classe medica do maior interesses (sic) as experiências que se vão fazer pela primeira vez na Bahia, a segunda cidade da Republica em que o methodo de Koch vai ser ensaiado (*GMB*, fevereiro de 1891, p.381).

Após a comunicação do Dr. Gustavo dos Santos à SMB seus sócios decidiram que as experiências com a linfa seriam, provavelmente, realizadas uma das salas do hospital que

estava sendo montado em Nazareth. Para esse fim, foi proposta a articulação de um serviço clínico de caráter provisório, cuja direção seria responsabilidade do Dr. Gustavo dos Santos. Entretanto, tal planejamento não se cumpriria, uma vez que a Santa Casa de Misericórdia se recusou em ceder o espaço hospitalar pretendido (*GMB*, março de 1891, p.431). Os embates entre a SMB e a direção da Santa Casa foram travados por meio dos jornais e de ofícios.

Responsável pela solicitação do espaço, a SMB enviou em 11 de Abril de 1891 um ofício endereçado ao provedor interino João Bernardino Franco, solicitando que a mesa diretora daquela instituição hospitalar alocasse os testes do Dr. Gustavo dos Santos em uma enfermaria nas novas instalações do hospital de Nazareth. No documento, justificava-se a importância do ato apelando para oportunidade que teria aquela “humanitária instituição” em “prestar um serviço valioso à sciencia e à humanidade”⁷.

Mesmo diante de tal apelo, a resposta do provedor não foi positiva como esperavam os integrantes da SMB. Em 15 de maio do mesmo ano a provedoria da Santa Casa expediu um ofício na qual indeferia o pedido nos seguintes termos:

Ilmo Sr. – Comunico à v.s., (...) que a mesa d’esta irmandade, em sessão do 10 corrente, não annuiu a solicitação feita no sentido de instalar-se uma enfermaria no hospital de Nazareth para o ensaio do tratamento da tuberculose pelo método de Koch, por esta estar em obras ainda aquelle estabelecimento (*GMB*, junho de 1891, p.531).

A SMB considerava a resposta oferecida pelo provedor pouco razoável e lacônica, expressando as limitações de gerenciamento da instituição que, segundo seus sócios, deixavam em plano secundário os interesses das ciências médicas e dos doentes que seriam beneficiados caso o experimento resultasse em efeitos positivos. O embate ganhava proporções institucionais opondo profissionais ligados a uma sociedade de ofício e os administradores das instituições de assistência hospitalar. Diante da posição assumida pela Santa Casa, Pacífico Pereira publica na *GMB* uma moção de repúdio:

Proponho que se insira na acta que a Sociedade de Medicina Lamenta que a actual administração da Santa Casa, não apreciando bem o valor do serviço que com tanto interesse e abnegação prestava o Dr. Gustavo dos Santos, e os benefícios que d’este trabalho podem provir para a humanidade, se tivesse limitado em sua resposta a uma

⁷ Assinaram o ofício oriundo da Sociedade Médica da Bahia os médicos José Francisco da Silva Lima (presidente), Manoel Vitorino Pereira (primeiro secretário) e Brás do Amaral (segundo secretário).

recusa por pretexto banal e em termos pouco compatíveis com a delicadeza que deve existir entre corporações d'esta ordem, enquanto instituições congêneres mandaram com grande dispêndio delegados seus estudar os trabalhos do Dr. Koch (Idem, p.532).

Curioso é observar que apesar desses médicos gozarem de força política, status social e integrarem setores da elite, precisavam negociar com outros grupos, também de elite, detentor de poder político, que, no entanto, não faziam parte diretamente do mundo da ciência médica. De forma breve e pode-se sugerir que a recepção dos experimentos bacteriológicos na Bahia nos anos de 1890 – especialmente das pesquisas sobre a cura da tuberculose encabeçadas pelo médico alemão Robert Koch – apresentou algumas características particulares: em primeiro lugar, a SMB, responsável pela edição da *Gazeta Médica da Bahia* deu ampla publicidade às comunicações e artigos através de traduções, não deixando de apresentar os resultados provisórios obtidos não somente pela equipe de Koch, mas também, por outros médicos. Havia, assim, pelo menos em termos abstratos uma intenção, talvez pedagógica, em disseminar entre estudantes, professores e clínicos as novas descobertas bacteriológicas, ao mesmo tempo em que aproximava os médicos vinculados à SMB do mundo civilizado, povoado pelo progresso que experimentava as ciências devotadas ao estudo dos organismos microscópicos. Por outro lado, a atividade prática de pesquisa na Bahia representou, inicialmente, um projeto particular, posto em prática pelo Dr. Gustavo dos Santos. Por fim, quando a SMB entra com o apoio para a realização dos testes no Estado, os embates entre instituições são expostos.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

FLECK, Ludwik, **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum Ed. 2010.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. **Noticiário**: 10º Congresso Internacional das Ciências Médicas; Comissão científica. n. 2, Ano XXII, Ago. 1890.p. 95.

_____. **Noticiário:** A cura da tuberculose; Comissão científica. n.5, ano XXII, Nov. 1890.p.238-9.

_____. **Noticiário:** Tratamento da tuberculose. n. 8, ano XXII, Fev. 1891. p. 281/

_____. **Noticiário:** Sociedade Médica da Bahia. n.9, ano XXII, Mar. 1891. p.431.

_____. O tratamento da tuberculose e a Santa Casa de Misericórdia. n.12, ano XXII, Jun. 1891. p.431.

KOCH, Robert. O novo tratamento da tuberculose. **GMB.** n.5, ano XXII, Nov. 1890.p.226-38.

LISTER, Joseph. O tratamento da tuberculose. **GMB,** n.7, ano XXII, Jan. 1891. p.306-17.

LEDERMANN, Walter. El Progreso Médico y el Congresso de Berlim em 1890. **Ver. Chil. Infect.** n.22, vol.2, 2005. p.211-14.

SILVA LIMA, José da. **Terceiro Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia – discurso de inauguração do presidente.** **GMB,** n.4, ano XXII, Out. 1890. p.145-159.

_____. **Lister e Koch.** **GMB,** n.7, ano XXII. Jan. 1891. p.305-6.

SCHWARCS, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.